

ENTRE UM SUBSOLO E UM CÉU DE ESTRELA DANÇANTE — O ENCONTRO ENTRE DOSTOIÉVSKI E NIETZSCHE

Edinalva Melo Fontenele¹

RESUMO:

Este artigo pretende apresentar pontos afins entre a obra *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, e alguns conceitos recorrentes no cenário da filosofia de Friedrich Nietzsche. As críticas nietzscheanas à hipertrofia da consciência e da memória encontram personificação no homem subterrâneo de Dostoiévski. Por um lado, há a extensão desse personagem à medida que Nietzsche intensifica o conceito de niilismo. Por outro, há a travessia do mesmo à medida que encontramos na citação nietzschiana do *amor fati* uma forma propositiva, uma alternativa otimista, uma via para que a vida possa ser usufruída além do subsolo, por meio de muitas perspectivas.

Palavras-chave: *Memórias do Subsolo* – Niilismo - *Amor Fati*.

ABSTRACT:

This article intends to present similar points between the work *Notes from the Underground*, by Fyodor Dostoevsky, and some recurring concepts in the philosophy of Friedrich Nietzsche. Nietzschean critics to the hypertrophy of consciousness and memory are personified in Dostoevsky's underground man. On the one hand there is the extension of this character as Nietzsche enhances his concept of nihilism. On the other, its surpassment, once we found in Nietzsche's *Amor Fati* a purposeful way, a promising alternative, a way of life that can be enjoyed beyond the underground, through many perspectives.

Keywords: Hypertrophy of Consciousness – Nihilism - *Amor Fati*.

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: edinalva_melo@hotmail.com.

I. O Encontro

“O homem é grande, demasiado grande, eu o encolherei.”
(Dostoiévski)

Largado no balcão de uma livraria de Nice, no verão francês de 1887, Nietzsche encontra um livro de Dostoiévski pela primeira vez. Pela força da grande coincidência, o livro era *Memórias do Subsolo*. Esse acaso responderia por uma intenso-extensão de conceitos que Nietzsche já trabalhava. No homem subterrâneo de Dostoiévski, ele parece ter achado um eco para a sua “voz de sangue”. O niilismo, a introspecção agressiva, a veemência desordenada, a acidez de uma consciência hipertrofiada, a febre de memória, tudo levava Nietzsche a um reconhecimento imediato, ele havia encontrado um semelhante, um próximo, um irmão — a sua ruminção não era mais tão solitária ou extemporânea:

Há algumas semanas não sabia sequer o nome de Dostoiévski — eu, esse homem inculto, que sequer lê jornais. Um achado casual numa livraria trouxe-me aos olhos, completamente por acaso, a obra recém traduzida para o francês *O Espírito Subterrâneo*², tal como ocorreu com Schopenhauer aos 21 anos de idade, e aos 35 com Stendhal. O instinto de parentesco, ou, como devo nomeá-lo, falou de imediato; minha alegria foi extraordinária [...] São duas novelas, a primeira propriamente uma peça de música, muito estranha, não alemã; a segunda, um golpe de gênio, uma espécie de auto-escárnio do *conhece-te a ti mesmo*.³

O entusiasmo de Nietzsche nada tem de exageros. *Memórias do Subsolo* inaugura muitas vias na história do pensamento moderno, cria um *topos* diferente para a literatura, institui a metáfora do subterrâneo — o “lugar

² Sobre as variações de tradução do título dessa obra de Dostoiévski, vale aqui destacar as observações do tradutor Boris Schnaiderman ao prefaciá-la edição brasileira de *Memórias do Subsolo*: “O título original, *Zapiski iz podpólia*, tão belo e incisivo em russo, foi traduzido para o francês como *Notes d'un souterrain*, *Le sous-soul*, *L'esprit souterrain*, *La voix souterraine*, *Du fond du souterrain*, *Mémoires écrits dans un sous-soul*, *Dans mon souterrain*, *Notes dans un sous-soul*, *Le souterrain* [...] Em nossa língua, o título já foi traduzido como *Notas do subterrâneo* [...] Mas visto que, por extensão, a palavra russa (*Zapiski*) também significa memórias, reminiscências, diário, achei preferível *Memórias do subsolo*.” (SCHNAIDERMAN, 2000, p. 11-12) .

³ Esses são trechos de uma carta datada de 23 de fevereiro de 1887, na qual Nietzsche conta ao amigo Franz Overbeck as suas impressões diante da leitura de *Memórias do Subsolo*. Cf. NIETZSCHE apud GIACÓIA JÚNIOR, 2001, p. 76.

retórico dos labirintos interiores”. No subterrâneo de Dostoiévski é trabalhada uma desconfiança corrosiva, que enfrenta as tradições do Cartesianismo e do Iluminismo. Nele, são fermentadas as angústias do homem que se sente cindido ou diminuído, seja pelo racionalismo, pela mentalidade positivista ou pelas velhas tabulações da (nova) moral do progresso.

II. O romance de Dostoiévski

De acordo com Joseph Frank, poucas obras na literatura atual são mais lidas ou mais citadas do que *Memórias do Subsolo*. O protagonista de Dostoiévski ingressou no tecido e na trama da cultura moderna, tanto pela sugestividade filosófica, como pelo seu poder hipnótico:

A expressão “homem do subterrâneo” tornou-se parte do vocabulário da cultura contemporânea, e essa personagem alcançou hoje em dia — como Hamlet, Dom Quixote, Dom Juan e Fausto — a estatura de uma das grandes criações literárias arquetípicas. Nenhum livro ou ensaio que estuda a situação do homem moderno estaria completo sem alguma alusão à explosiva figura de Dostoiévski. Os desenvolvimentos culturais mais importantes do presente século — Nietzsche, Freudismo, Expressionismo, Surrealismo, Teologia da Crise, Existencialismo — invocaram o homem do subterrâneo ou mantiveram ligações com ele por meio de zelosos intérpretes; e, quando o homem do subterrâneo não foi aclamado como uma antecipação profética, foi exibido como uma advertência sombria e repulsiva. (FRANK, 2002, p. 427)

De modo geral, as leituras de *Memórias do Subsolo* ou enfatizam a perversidade do protagonista ou consideram o marcante nível conceitual da obra. Entretanto, como nos aconselha Joseph Frank, o melhor seria seguir o caminho do meio, analisar tanto o comportamento como também as ideias desse personagem. O homem do subsolo é a primeira grande criação de Dostoiévski depois dos anos que passou preso na Sibéria.⁴ É o “prelúdio do grande período” em que o seu talento atingiu a maturidade. Temos, por meio

⁴ Dostoiévski foi preso em 1849 sob a acusação de conspirar contra o Czar Nicolau I. Depois de oito meses na prisão, é condenado à morte e vive toda a iminência tortuosa de uma possível e breve execução por fuzilamento. Felizmente, sua pena é comutada e ele passa cinco anos confinado na Sibéria, trabalhando arduamente como soldado raso.

do seu personagem, o reconhecimento do homem como um ser terrivelmente egoísta.

Pode ser que Dostoiévski também tenha acreditado que o homem era capaz do bem, mas considerava-o igualmente cheio de inclinações más, caprichosas, irracionais e destrutivas; e foi essa verdade perturbadora que apresentou brilhantemente através do homem do subterrâneo [...] (FRANK, 2002, p. 430)

Memórias do Subsolo funciona como uma “escatologia ideológica”, uma grande sátira à metafísica, à ética e ao romantismo social e sentimental que circulava na Rússia do século XIX. Foi considerado uma prosa indecente, corrosiva, desesperada: “Amando apenas as conveniências e o otimismo, a Rússia é atacada por um desafio sem precedentes” (ARBAN, 1989, p. 119). Não à toa, encontramos um tom bastante desolado na autodescrição feita por Dostoiévski no ano de 1854: “Vou lhe dizer a meu respeito que sou filho de meu século, filho da descrença e da dúvida, até hoje e (eu sei) até o túmulo” (DOSTOIÉVSKI apud SCHNAIDERMAN, 1994, p.245).

Enfim, o romance de Dostoiévski é uma interpretação da sociedade que se moderniza, onde as certezas tornam-se cada vez mais rarefeitas. Os seus leitores terão de aceitar a pleonástica ironia de um personagem “inventado” que fala em nome de todos e de ninguém. Em função de uma difícil cumplicidade, o princípio da verossimilhança será rompido pelo desconforto que causa uma consciência hipertrofiada. Possivelmente, nenhuma outra obra tenha levado tão a cabo a provocação de Baudelaire: *Hypocrite lecteur, mon semblable, mon frère!*⁵

III. Entrando no Subsolo

Publicado em 1864, o livro está dividido em duas partes. A primeira, “O Subsolo”, é um monólogo febril e ininterrupto. O narrador, um baixo funcionário da burocracia russa, tem 40 anos e mora no subsolo de um modesto edifício.

⁵ Esta frase consta na abertura dos poemas reunidos sob o título *Les fleurs du mal*, publicados por Baudelaire no ano de 1855. Traduzida do francês: “Hipócrita leitor, meu semelhante, meu irmão!”.

Misantropo, ele expõe suas ideias com uma acentuada fadiga diante da vida. A segunda, “A propósito da neve molhada”, tem um sentido retroativo. O homem do subsolo, então com 24 anos, relata a convivência que teve com algumas pessoas: o criado Apolón, alguns poucos “amigos” e uma prostituta de nome Liza.

Memórias do Subsolo consagra a polifonia na literatura.⁶ As confissões feitas por seu narrador parecem se estruturar na expectativa da reação do leitor — há uma tensão invasiva. O homem do subsolo confessa a sua vida, assume as suas mediocridades, como se nos olhasse de muito perto. Ele parece esperar, com motejos, uma opinião nossa.

Excêntrica dialogia, fluxo doloroso de consciência. Como nos informa Joseph Frank (1992), as personagens de Dostoiévski sofrem de uma autoconsciência excruciante, elas constantemente se vêem da forma como são refletidas pelos olhos dos outros. Todavia, com a mesma frequência, se recusam a permanecer congeladas na definição de si mesmas oferecidas por tais reflexos. Dessa forma, a retórica do homem subterrâneo é construída para levar em conta e para descartar, antecipadamente, as reações de um leitor hostil, ainda que o narrador pretenda estar escrevendo apenas para si mesmo.

A descrição introdutória que o homem do subsolo nos apresenta dele mesmo cabe bem como o ato primeiro de uma “estranha ópera”:

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado [...] Ademais, sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina [...] Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que me doa ainda mais. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.15)

⁶ Mikhail Bakhtin afirma que a multiplicidade de consciências independentes e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem a peculiaridade da obra de Dostoiévski. Sobretudo a partir de *Memórias do subsolo*, os romances dostoiévskianos não se constroem como o todo de uma consciência que assumiu outras consciências, mas como o todo da interação e coexistência entre várias consciências, dentre as quais nenhuma se converteu definitivamente em objeto da outra. No fundo de sua construção inovadora, Dostoiévski opõe-se à cultura da solidão: “Ele afirma a impossibilidade da solidão, da solidão ilusória. O próprio ser do homem (tanto interno como externo) é *convívio mais profundo* [...] Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não possui um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele *olha o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*.” (BAKHTIN, 2010, p. 322-323).

Para esse homem, é preciso que se respeite quem encontra prazer no sentimento de autoabjeção. Não há métricas competentes para se determinar com precisão o que é realmente vantajoso. É assim, por meio desse argumento, que ele se defende:

Admitamos que eu seja um tagarela, um tagarela inofensivo, magoado, como todos nós. Mas que fazer, se a destinação única e direta de todo homem inteligente é apenas a tagarelice, uma intencional transferência do oco para o vazio? (p.30-31)

O paradoxalista, como o chama Dostoiévski, desconfia e zomba do homem moderno. Segundo ele, o homem moderno é controlado, calculado, manipulado, tal qual uma tecla de piano ou um pedal de órgão: “Quando vos demonstram, por exemplo, que descendeis do macaco, não adianta fazer careta, tendes que aceitar a coisa como ela é [...] sois plenamente escravos dos vossos dentes” (p. 25-26).

Em sua melhor definição, o homem é “um bípede ingrato” (p.42). É apenas por ingratidão, diante da vida e dele mesmo, que o homem insiste nas posições que toma, mesmo quando a felicidade é possível acaba sendo convertida em tédio. Considerando que Cleópatra gostava de cravar alfinetes de ouro nos peitos das suas cativas para deleitar-se com os seus gritos e convulsões, ele se admira com as tantas coisas que são inventadas por puro tédio:

Depois do dois e dois, certamente, nada mais restará, não só para fazer, mas também para conhecer. Tudo o que será possível, então, será unicamente calar os sentidos e imergir na contemplação [...] mas pelo menos poderemos espancar a nós mesmos, de vez em quando, e isto, apesar de tudo, infunde ânimo. (p. 48)

O romance de Dostoiévski contagia o leitor com uma espécie de “agonia de escuta”. Em sua segunda parte, um *continuum* de histórias de ofensas, tudo se encaminha para que o homem do subsolo exercite um tipo de masoquismo desavergonhado no encontro que terá com uma jovem prostituta. Esse encontro consegue sintetizar a sua relação com o criado Apolón — o seu flagelo e a sua úlcera; a falta de vocação que possuía para fazer amigos — por vezes despedia-se dos colegas e depois cuspiam; e a sua arrogância que se

agravava sob a forma de misantropia — “Eu sou sozinho, e eles são todos” (p.58).

Depois de sofrer uma humilhação extrema num jantar com colegas, circunstanciada por ele mesmo, o homem do subsolo termina a noite num bordel e lá encontra Liza. Como não foi capaz de subjugar seus colegas ou de insultá-los o suficiente para ser levado a sério, ele presente (orgulhoso) a possibilidade de uma compensação:

Por um acaso olhei-me num espelho. O meu rosto transtornado pareceu-me extremamente repulsivo: pálido, mau, ignóbil, cabelos revoltos. “Seja, fico satisfeito”, pensei. “Estou justamente satisfeito de lhe parecer repugnante; isso me agrada...” (p. 102)

A submissão imposta à Liza não será apenas física. Duas horas depois, sem ter ao menos trocado uma palavra com ela, o homem do subsolo a olha e resolve, perversamente, iniciar um diálogo. Faz algumas perguntas, escuta, observa, e, ganhando um tom cada vez mais *tenso, artificial e livresco*, aconselha implícita e acidamente:

Aqui o tempo corre como um cavalo de posta [...] E você deixará tudo aqui, sem reserva: a saúde, a mocidade, a beleza, as esperanças; aos vinte e dois anos parecerá ter trinta e cinco, e ainda será bom se não ficar doente; peça isto a deus [...] E, quando estiver morrendo, todos vão abandoná-la e virar-lhe o rosto; pois o que se poderá então obter de você? Ainda irão censurá-la por ocupar um lugar de graça, por estar custando a morrer. Se pedir água, vão dá-la, mas com um insulto: “Quando é que vai morrer afinal, peste? Atrapalha o nosso sono, geme, os fregueses ficam com nojo”. (p.116-118)

Liza se desespera, morde o travesseiro, e depois a mão, até sangrar. Ao sair, o paradoxalista entrega a ela o seu endereço e diz que o procure. Dias depois, reencontram-se, e ele a maltrata ainda mais. A presença de Liza no subsolo dá a ele um fluxo maior de consciência, a certeza (em náuseas) de toda a pobreza que lhe pertence:

E também nunca desculparei a você as confissões que lhe estou fazendo agora! Sim, você, unicamente você, deve responder por tudo isto, porque você é que apareceu na minha frente, porque eu sou um canalha, porque sou o mais repulsivo, o mais ridículo, o mais mesquinho, o mais estúpido, o mais invejoso de todos os vermes sobre a terra, que de modo nenhum são melhores que eu, mas os

quais, o diabo sabe por quê, nunca ficam encabulados; e eu vou receber assim, toda a vida, piparotes da primeira lêndea que aparecer — é uma característica minha! (p. 139)

Assustada, Liza vai embora. O homem corre atrás dela, mas para, contém seu ímpeto de vontade de amor: “Não irei eu odiá-la, amanhã mesmo talvez, justamente por lhe ter beijado hoje os pés?” (p. 144). Por fim, aceitando as suas frustrações, volta para o “sossego” do seu subterrâneo. Como quem vomita, ele se confessa mais uma vez, ligando-se ao leitor por meio de uma fina ironia pedagógica:

Chegamos a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor [...] Para nós é pesado, até, ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, *próprios*; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram [...] Em breve, inventaremos algum modo de nascer de uma idéia. (p. 145-147)

IV. Nietzsche: entre intensificações e extensões

Na biografia que escreve sobre Nietzsche, Daniel Halévy (1989) considera que Dostoiévski foi uma “grande iluminação” para o filósofo. Bourget, Maupassant, Guyau, Goncourt e Baudelaire, leituras que irão ocupá-lo por muito tempo, não o marcam nem próximo do que fez o “grande eslavo”, mesmo Schopenhauer e Stendhal aparecem diminuídos diante dessa presença. A glorificação da violência primitiva, o exame profundo da moral do ressentimento, o alargamento dos sentidos do niilismo, são pontos que mostram a influência de Dostoiévski na vida intelectual de Nietzsche. Poucos meses depois de ler *Memórias do Subsolo*, em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche assim se coloca:

O tipo criminoso é o tipo do ser humano forte sob condições desfavoráveis, um homem forte que tornaram doente [...] O testemunho de Dostoiévski é de importância para o problema que aqui se coloca — Dostoiévski, o único psicólogo, diga-se de passagem, do qual tive algo a aprender: ele está entre os mais belos golpes de sorte de minha vida [...] [Esse homem *profundo*] percebeu

de modo muito diverso do que esperava os detentos siberianos entre os quais viveu por longo tempo, autores de crimes graves, para os quais não havia mais retorno à sociedade — como sendo talhados na melhor, mais dura e mais valiosa madeira gerada em terras russas [...] Todas as naturezas assim têm a cor do subterrâneo nos pensamentos e nas ações [...] Todos os inovadores do espírito têm na frente, por algum tempo, a lívida e fatalista marca do chandala: *não* por serem percebidos assim, mas porque eles mesmos sentem o abismo terrível que os separa de tudo o que é tradicional e venerado. (NIETZSCHE, 2006, p. 94-96)

Entretanto, pelas afinidades e coincidências temáticas, a relação com Dostoiévski já estava estabelecida muito antes de Nietzsche ter lido *Memórias do Subsolo*. No ano de 1874, quando escreve a segunda parte de *Considerações Extemporâneas*, parece está falando do paradoxalista: “Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados [...] nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes” (NIETZSCHE, 1999, p. 273).

Segundo Nietzsche, o homem precisa esquecer para não morrer de memória. Quem não consegue esquecer, não dorme, torna-se doente. A desmedida de memória significa também desmedida de história e de conhecimento: “há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente chega a sofrer dano e por fim se arruína, seja ele um homem ou um povo ou uma civilização” (NIETZSCHE, 1999, p. 274). Voltando ao personagem de Dostoiévski, podemos parentesiá-lo lembrando que o homem do subsolo, com o seu recorrente tom tenso e artificial, parecia usar os livros para além de sua necessidade. Devorava-os sem fome, degenerava de tanta consciência, entristecia-se por saber tanto. Era uma *enciclopédia ambulante*, um ressentido, tinha uma *alma mordida*, estava doente de *febre histórica* — não conseguia esquecer.

Uma das consequências da febre histórica é o niilismo. Muito ocupado com esse tema, Nietzsche mostra-se ainda mais envolvido pela questão depois do encontro que teve com Dostoiévski. Partindo da análise da moral judaico-cristã, ele aponta o cenário da modernidade como o momento mais fértil para que o mais invasivo dos hóspedes, o niilismo, se instale.

Também para Nietzsche, o homem moderno é um homem cansado, dono de enormes fastios existenciais, cheios de categorias a defender sem muito creditá-las. *A Verdade*, os *Fins Últimos*, a *Unidade*, o *Ser*, *Deus*, foram

gradativamente corroídos por um sentimento de ausência de valor, e a vida ganhou um sabor de vazio, um travo niilista. Por meio dessa percepção, ele elabora a seguinte definição:

Nilismo é então o tomar-consciência do longo *desperdício* de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de ocasião para se recrear de algum modo, de ainda repousar sobre algo — a vergonha de si mesmo, como quem se tivesse *enganado* por demasiado tempo... (NIETZSCHE, 1999, p. 430)

No entanto, vale a nota de que os sentidos do niilismo na filosofia nietzschiana são vastos e ambíguos. De acordo com Michel Haar, o niilismo é desprezível enquanto se manifesta nos doentes, nos escravos e em todos os que estão *contaminados* pela moral do rebanho, e é divino enquanto é uma condição normal dos fortes, dos que buscam a autossuperação (apud ARALDI, p. 92-93). E Nietzsche, bem mais do que o homem do subsolo, quis experimentar o risco de imaginar essa superação. Ele quis pensar um homem que fosse capaz de superar o ressentimento, de substituir a culpa, os vícios morais e metafísicos por uma vontade de potência, de alegria, de dança.

V. Vislumbrando uma estrela dançante

Mas como seria possível, no contexto dos fastios modernos, superar o niilismo? Qual a alternativa apontada por Nietzsche para que possamos escapar dessa presença intrusiva ou mesmo nos conciliar com esse estranho hóspede? Possivelmente, Zaratustra nos aponte um caminho quando diz que é preciso ter ainda caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante.

De acordo com Gilles Deleuze (2008), Nietzsche nos faz pensar a possibilidade de transmutação dionisíaca da dor em alegria, a possibilidade de uma destruição ativa. O niilismo nietzschiano encontra seu acabamento no homem que quer perecer, que quer ser superado, que excede a própria vida, rompendo os valores que ainda retém, vencendo a si mesmo. Com os cantos de Zaratustra, a transição e o ocaso, o sacrifício de todas as forças reativas, um amor que suporta os vagos da existência humana:

Amo aquele que prodigaliza a sua própria alma, não quer que lhe agradeçam e nada devolve: pois é sempre dadivoso e não quer conservar-se [...]

Amo aquele que justifica os seres futuros e redime os passados: porque quer perecer dos presentes [...]

Amo aquele cuja alma é tão transbordante, que se esquece de si mesmo e que todas as coisas estão nele: assim, todas as coisas tornam-se o seu ocaso. (NIETZSCHE, 2007, p. 39)

Pouco antes de escrever *Assim falou Zaratustra*, em *A Gaia Ciência*, livro publicado em 1882 e depois ampliado com um quinto capítulo, Nietzsche já se aproximava de um niilismo mais ativo, anunciando nessa obra a sua proposta de aceitação plena da vida, a sua proposta de *amor fati*:

Para o Ano Novo. — Eu ainda vivo, eu ainda penso: ainda tenho de viver, pois ainda tenho de pensar [...] Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: — assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 187-188)

Discordando das tradições construídas pela moral ocidental, ainda em *A Gaia Ciência*, Nietzsche mais uma vez parece falar do homem do subsolo: “Quem consigo está insatisfeito, acha-se continuamente disposto a vingar-se por isso: nós, os outros, seremos as suas vítimas, ainda que tão-só por termos de suportar sua visão feia”. Há no fundo dessa fala a confecção de uma mensagem profética, adaptável. Apesar de todos os subsolos que encontramos, ajudamos a construir ou aprendemos a povoar, é sempre possível vislumbrar outras perspectivas, olhar a vida por um vidro colorido ou à luz do poente: “tudo isso devemos aprender com os artistas, e no restante ser mais sábios do que eles [...] queremos ser os poetas-autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas” (NIETZSCHE, 2001, p.196/202).

Zaratustra bem sabia que não era necessário remover os atoleiros, bastava povoar os montes. A grande travessia que deve ser feita pelo homem

é a da superação de si mesmo. O que em nada corresponde às intenções de um homem que prefere ficar na indiferença-inquietante do seu subsolo:

Preciso de tranqüilidade. Agora mesmo, sou capaz de vender o mundo todo por um copeque, para que não me importunem. Que o mundo leve a breca ou que eu deixe agora de tomar o chá? Direi que acabe o mundo mas que eu sempre possa tomar o meu chá. Você sabia disso ou não? Bem, quanto a mim, sei que sou um canalha, um patife, um egoísta, um preguiçoso. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.138)

VI. Conclusão

O sufocante subsolo dostoiévskiano parece ter despertado um Nietzsche em canto, em dança. Processualmente, com espaços para reentrâncias, o nojo niilista quer ser substituído pela alegria da superação, pelo decidido vislumbre de saídas do subsolo. Mesmo que a felicidade tenha o ritmo das borboletas e de bolhas de sabão, ainda que o peso da existência nos negue muitas vezes a possibilidade de “dançar a ciranda das estrelas”, fica o recado sutil e também lírico de que é preciso aprender a povoar o subsolo sem que se soterre a si mesmo.

Querer a vida, mesmo que se tenha de repeti-la eternamente. Não apenas suportar o necessário, mas amá-lo. E saber que, ainda que o desgosto pela própria existência retorne, em cada instante começa o ser: “Em torno de todo o ‘aqui’, rola a bola ‘acolá’. O meio está em toda a parte. Curvo é o caminho da eternidade” (NIETZSCHE, 2007, p. 260). No portal de Zaratustra estava escrito no alto: MOMENTO — sobretudo porque esse é o tempo que cabe àquilo que de fato viceja.

Difícil malabarismo o de se sustentar na agitação do instante. Contudo, a dança, mesmo confusa em movimentos, pode mais do que a paralisia, o conformismo, a resignação ou a submissão. O brilho de uma estrela dançante é mais estimulante do que a luz fria de um subsolo, ainda que se tenha de reconhecer que a vida se desdobra sempre no “entre”. Felicidade ou sofrimento? Não, não há como separar luz e escuro, choro e canto. Porém, vale lembrar, abandonar-se em um subsolo é escolher *um* ponto fixo, *uma* versão muito demorada e amorfa para si mesmo.

Precisamos da diversidade de perspectivas e ambientes. Apesar do morto, do feio e do obscuro, o melhor caminho pode ser o que vem adiante. Só assim o impedimento poderá ser um meio, o obstáculo um estímulo, a negação outra forma de afirmação. Tomando esse viés, um poema de Drummond (2007, p. 43) parece adensar a perspectiva que nos incentiva a querer a “vida viva”. A cena trazida pelo poema é a de um poeta seguindo bêbado num bonde. Curvado à beleza do amanhecer, ele não sabe, apenas intui que uma grande tragédia está prestes a acontecer. Tudo parecia irreparável, últimos pensamentos, últimos telegramas, o mundo ia acabar às 7 e 45, mas havia um apelo na aurora e o poeta o compreende: Vamos todos dançar!

Entre o bonde e a árvore
dançai, meus irmãos!
Embora sem música
dançai, meus irmãos!
Os filhos estão nascendo
com tamanha espontaneidade.
Como é maravilhoso o amor
(o amor e outros produtos).
Dançai, meus irmãos!
A morte virá depois
como um sacramento.

O acento zaratustriano, o *continuum* sedutor e trágico no convite do poeta, nos leva a imaginar a possível resposta que Nietzsche (2007, p. 192) teria dado a esse chamado: “Era *isso*, a vida? Pois muito bem! Outra vez!”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

ARALDI, Clademir Luís. *Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. Cadernos Nietzsche* 5. São Paulo: GEN, 1998.

ARBAN, Dominique. Dostoievski. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Disponível em: <http://br.geocities.com/guaikuru0003/Nietzsche_ea_filosofia.pdf>, acesso em 24 ago. 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução Paula Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

_____. *Dostoiévski: os efeitos da libertação 1860-1865*. Tradução Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Tradução Roberto Cortes e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

_____. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Cia das Letras, 2006.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Mário da Silva. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SCHNAIDERMAN, Boris. "Dostoievski: a ficção como pensamento". In: NOVAES, Adauto (org.). *Artepensamento*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. "Prefácio do tradutor". In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.